

Maria dos Remédios de Brito
Carlos Aldemir Farias
Sílvia Nogueira Chaves

Uma grande máquina do desejo se põe em produção transfiguradora neste número da revista *Experimentart* como um convite ao exercício para a alegria, o enfrentamento e a resistência aos poderes tristes que desejam sugar as almas dos viventes humanos e impor uma coisificação dos corpos e das mentes. Os textos passam por um compromisso com as perguntas, com as potencialidades das alianças com a vida e com a diferença, pontos fundamentais para a emergência dos processos de heterogeneidades.

Assim, a revista *Experimentart* promove um diálogo com as multiplicidades, percorrendo travessias a partir de múltiplas composições que fazem alianças com a vitalidade. Não há um saber em distâncias que não possa oferecer um gosto pelos encontros, pelos intervalos, pelas fissuras, sendo possível vibrar uma linha, produzir um som que reverbere conversações, colocando em jogo um exercício experimental com o pensamento, com os sentidos, com a memória, com os afetos, com o imaginar.

Os textos presentes são atravessados por atmosferas das imagens, da literatura, da filosofia, da política, da ciência, da arte; cada um carrega suas próprias intensidades e necessidades, como pode ser observado em cada palavra escrita e em cada imagem posta. O texto *Prisões da memória*, de Eduardo Pellejero, trata dos poderes e de suas negligências com a vida e com a memória. “Essas coisas são também silenciadas. Nem na Espanha, nem em Portugal, nem muito menos no Brasil, houve uma verdadeira política da memória por parte do Estado”.

Laércio de Assis Lima, com o artigo *Mann/Kafka/Blanchot: o círculo mágico da escrita e o mundo de fora*, cruza criação literária, experiência da escrita e subjetividade: “a escrita literária parece se constituir através de uma disjunção constante. A separação entre a realidade do mundo exterior e uma realidade circunscrita aos âmbitos da própria escrita é um tema recorrente na reflexão de alguns escritores. O caráter radical dessa disjunção que se afirma no exercício da escrita aparece, por exemplo, em autores tão heterogêneos como Kafka, Thomas Mann e Blanchot”. *Georges Bataille e a (im)possibilidade da linguagem no instante da experiência* é a problemática de Anderson Barbosa Camilo, com o diálogo que busca “abordar a crítica da linguagem discursiva na problematização sobre a experiência em Georges Bataille”.

Susana Guerra, no artigo *As coisas nas margens: a escrita das mulheres na obra de Paula Rego*, procura, a partir da obra da pintora, respostas para as seguintes questões: “O que significa ser mulher e o que significa ser uma mulher portuguesa, hoje? O que significa ser mulher fora do lugar que está tradicionalmente atribuído às mulheres? Qual o papel da mulher na pintura de Paula Rego? Como opera a sua obra contra a invisibilidade das mulheres? Qual a importância política da sua arte? Que elementos traz a sua obra ao debate sobre a emancipação feminina e o papel das mulheres na sua libertação?”. Já Alda Romaguera e Alik Wunder trazem, no ensaio intitulado *Sentidos virados para o fundo da terra: (an)danças e ritmos de pensamentos entre educação, arte e vida*, uma “composição de imagens fotográficas e fragmentos poéticos gestados numa oficina de imagens e palavras, que aconteceu em 2017 no Sítio Rosa dos Ventos em Pocinhos do Rio Verde, Caldas, Minas Gerais. [...] Deste e neste encontro fizemos composições que foram fotografadas e que desejamos fazer circular neste ensaio”.

Tem ainda *Cintilações: elogio ao alegrar*, de Sebastian Wiedemann e Susana Dias, “diante da tristeza esmagadora que faz metástase por todos os lugares, só nos cabe fazer um elogio ao alegrar. Só nos cabe fazer cintilar a vida mais intensamente. Afirmar esse sentimento de que a vida é pura modulação de luz. Dali que não há vida de um lado e cinema do outro. Apenas uma vida cinematográfica”. Esse sentimento passa pelo elogio ao mestre Luiz Orlandi, que, com sua vitalidade e alegria, oferece-nos as suas preciosas traduções e transcrições de um Deleuze e de um Guattari.

Carlos Augusto Silva e Silva promove uma instigante reflexão sobre *Art(e)Ciência: o dentro e o fora dos laboratórios a partir de produções imagéticas*, pontuando a “inquirição: quais ciências são mobilizadas nos laboratórios científicos, Universidades, nos centros urbanos, em especial nas produções imagéticas? Criações artísticas de artificios científicos que forcem o pensamento a se desvencilhar do clichê, inter cruzando-se entre ciências, artes, imagens, laboratórios, diferenças...”. No ensaio *Do sistema reprodutor à sexualidade: apontamentos com a diferença*, Helane Súzia Silva dos Santos e Maria dos Remédios de Brito afirmam que, durante aulas de Biologia na educação básica sobre o tema reprodução humana, ministradas por uma das autoras desse trabalho, houve um deslocamento em relação ao objetivo inicial (o ensino morfofisiológico das estruturas do sistema reprodutor), pois os alunos participaram por meio de falas sobre suas sensações, desterritorializando o tema para além da ciência pura e neutra. Na digressão *Ciência de si*, André Luiz Alves de Sá afirma que “no transitar entre a biologia e a arte me sinto sanguessuga, saginato. Verme modular que retira do outro a possibilidade de continuar sendo”. Há também um poema de Marcos Vinícius Miranda da Silva, *Filhos do Brasil*, que instiga a pensar o presente e a necropolítica atual do Brasil com os descasos

com as vidas das minorias. Além disso, a revista apresenta uma entrevista com João Manoel de Oliveira sobre *Gênero, sexualidade e feminismo crítico*, em que se discute uma problemática fundamental na atualidade.

Com essas composições, convidamos o leitor a navegar e a se permitir variar com o pensamento sem receios das vizinhanças. Que com esse navegar, o corpo venha banhado com outras vitalidades e aberturas para um mundo outro.